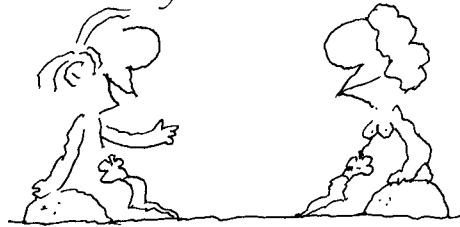


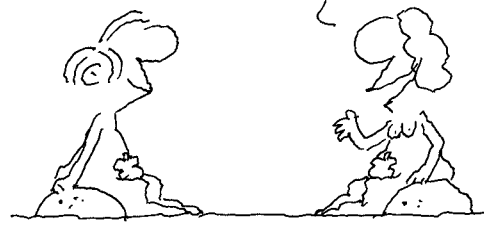
# Inquietações na clínica psicanalítica: subjetividade, cidade e fundamentalismos

Marcio de Freitas Giovannetti\*

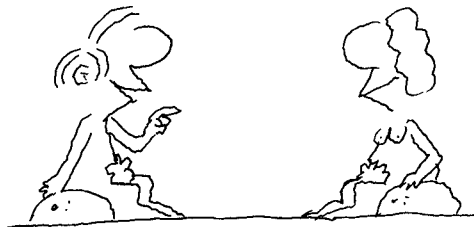
E O QUE SOMOS, AFINAL?



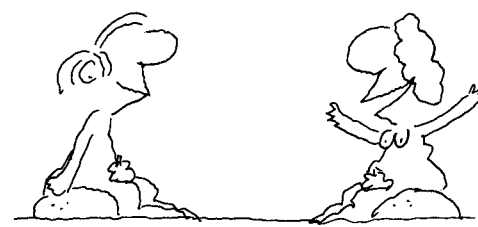
POR MIM, UMA ILHA NO MEIO DO INFINITO.



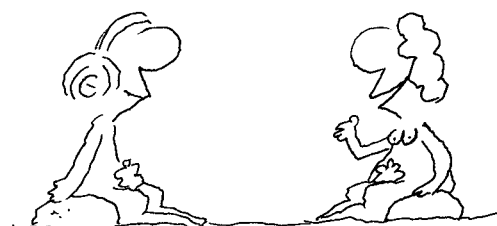
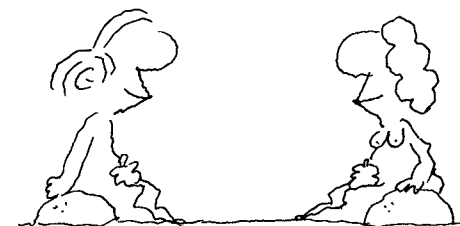
E O QUE NESTA TEM ILHA?



O MESMO INFINITO...



...SÓ QUE CHEIO DE PONTOS DE INTERROGAÇÃO.



MICHEVE.

1. Seis anos atrás, quando da realização da exposição *Freud* no Museu de Arte de São Paulo, um dos comentários mais ouvidos foi o de que o divã original não havia sido trazido, e o que se via nada mais era do que a tapeçaria que recobria o divã original, colocada sobre uma estrutura de madeira, feita aqui mesmo, no Brasil. Exibia-se um simulacro, portanto. Como a montagem da exposição atrasara em alguns dias pelo fato de um dos contêineres não ter chegado – posteriormente encontrado em um porto da África –, alguém levantou a hipótese de que o divã se perdera por lá... O fato é que a exposição brasileira seguia fielmente a exposição organizada pela Biblioteca do Congresso americano. É sem dúvida interessante pensar que, apesar de praticamente todos os demais objetos do consultório de Freud estarem lá, o foco dos comentários recaiu sobre a ausência do divã, que, a bem da verdade, é pouco visível mesmo em Maresfield Gardens ou nas fotos da Bergasse 19, recoberto que sempre esteve por um belo tapete oriental. Trata-se de uma mostra de que nosso imaginário faz, automaticamente, uma separação entre estrutura e ornamento, o divã sendo considerado a estrutura e tudo o mais, o ornamento. Os 2 mil anos de história representados pelos objetos da coleção privada de Freud se tornavam secundários, desprezíveis quase, perante a ausência de um objeto tão investido em nosso imaginário coletivo, um objeto, por assim dizer, estruturante para o nosso grupo. No entanto, cabe lembrar que em 1938, diante da sanha nazista responsável por seu exílio, Marie Bonaparte, possivelmente instruída pelo próprio Freud, cuidou de salvar em primeiro lugar algumas das peças que ornamentavam sua mesa. Por uma dessas coincidências do destino, o malote que as transportou pertencia à embaixada da Grécia, berço da civilização ocidental...

2. Durante dois anos, de 2000 a 2002, o *newsletter* da IPA exibiu em cada uma de suas edições as fotografias de vários consultórios de psicanalistas de diversas partes do mundo, o que causou também um sem-número de comentários. O argumento do editor ao publicar as fotos era aproximar a comunidade psicanalítica internacional da intimidade do trabalho, da cena analítica de cada um de nós.

O que se via era sempre o divã, a cadeira do analista e um ou outro objeto pessoal, como livros, quadros, tapetes, luminárias etc. De algum modo, as fotos mostravam as variâncias e as invariâncias presentes na leitura pessoal que cada um daqueles analistas fez da cena primária freudiana – o seu consultório –, recriando-a a partir de sua própria cultura psicanalítica e das especificidades de seu tempo e de sua cultura local. Alguns mais modernos, outros nem tanto, os divãs e as cadeiras variavam de estilo, bem como os objetos, havendo mesmo alguns que evidenciavam um desejo de aproximação maior, uma tentativa de cópia do modelo original. Em alguns deles, via-se a foto de nosso fundador, como que a sacralizar a cena.

Deixando de lado as motivações do editor e dos nossos colegas que enviaram as fotos de seu lugar de trabalho, penso ser muito interessante levar em conta o momento e o contexto histórico em que isso se sucedeu: cem anos depois do ato fundador da psicanálise, num momento em que o mundo como um todo passava por grandes transformações, decorrentes fundamentalmente do avanço dos meios de comunicação com o conseqüente impacto em nossas culturas e num momento em que nossa pequena comunidade psicanalítica se deparava com duas grandes questões internas: o esvaziamento dos consultórios e o repensar dos modelos tradicionais de formação psicanalítica. Questões de sobrevivência, em poucas palavras.

Uma leitura acurada das fotos, para além das diferenças culturais e pessoais nelas existentes, deixa evidente que a exposição de várias intimidades é sintomática desta questão maior, a sobrevivência da psicanálise. Se a foto do consultório de Freud se mantém viva e paradigmática para a prática psicanalítica até os dias de hoje, a repetição reiterada das fotos dos consultórios atuais aponta, como um todo, para aquilo que Andy Warhol, com sua magnífica obra, denunciava como a morte de um tempo e da arte. Não seria esse o grito de alerta lançado de forma simbólica pela publicação das fotos? A banalização acarretada pela repetição *ad infinitum* da imagem primeira, da imagem do gesto fundador, faz com que a própria fundação corra risco de morte: em nenhuma das fotos está presente analista ou analisando; apenas há um lugar desabitado, um consultório vazio...

\* Psicanalista pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

3. Em 1994, realizou-se em Buenos Aires um importante simpósio interdisciplinar intitulado “Novos paradigmas, cultura e subjetividade”, do qual participaram nomes de envergadura mundial em vários ramos do conhecimento. Dentre eles, Mark Wigley, professor de arquitetura de Princeton, que apresentou um belíssimo trabalho, no qual tece considerações, bastante elucidativas, a respeito da ultrapassagem do paradigma científico anterior, questionando o próprio conceito de espaço a partir de uma distinção clássica feita em arquitetura entre estrutura e ornamento. Ele chamou a atenção para o fato de nosso pensamento ocidental estar calcado em metáforas arquitetônicas, como teorias sólidas, idéias sem suporte, espaço teórico clínico etc., marcando com isso que a idéia mesma de espaço como algo em que se está dentro é a que alicerça – mais uma metáfora arquitetônica – o pensamento em todos os ramos da ciência, humanas ou não. Para nós psicanalistas, basta lembrar a tópica freudiana, o conceito de conteúdo – manifesto ou latente –, o conceito de *setting*, o de objeto interno, o de mundo interno e de subjetividade, por exemplo. Assim dizemos, nesta sala, nesta conferência, nesta língua e com isso deixamos de questionar o fato de que nosso conceito de espaço “resulta de uma contínua repressão de nossas relações mais complexas e problemáticas com o próprio espaço” (Wigley, 1994/1996, p. 152). Reunimo-nos e desconstruímos tudo, diz ele, exceto o espaço no qual estamos, pois ele estaria além ou aquém da desconstrução.

Deste modo, o discurso arquitetônico clássico não está interessado em interrogar-se sobre arquitetura, mas em reforçar as premissas de um modelo particular de arquitetura naquilo em que ela pode atuar como garantia cultural de uma série de qualidades como a ordem, a estabilidade, a segurança, o controle, a delimitação, o enclaustramento (p.155).

Contra esse fechamento, o autor propõe uma leitura desconstrucionista – derridiana – da arquitetura para que se possa pensar de maneira mais complexa e mais livre. Começa com a idéia de que a desconstrução não se ocupa do novo, mas sim do velho, do familiar, do cotidiano, daquilo que, por sempre se fazer e se repetir, se torna invisível e vai descobrindo, nessa familiaridade, certas qualidades cruciais que parecem absolutamente inesperadas e imprevisíveis e que, de alguma forma, desviam e comprometem a própria cena em que se encontram. Nada mais familiar que isso para nós psicanalistas, tributários do pensamento de Freud que somos – a psicopatologia da vida cotidiana, os sonhos, os chistes, a própria desconstrução freudiana do *Unheimlich*... “O sinistro não é perturbador porque perturba a ordem familiar, mas porque perturba nosso sentido do que seja a ordem familiar” (p. 156). Assim, familiar para nós é a idéia de que a nossa sobrevivência depende das estruturas e de que os nossos ornamentos estão para além da sobrevivência. O episódio do divã de

Freud relatado no início deste texto presta-se exemplarmente bem para pensarmos essa questão, se levarmos em conta que a tapeçaria que o revestia era aquilo que tradicionalmente consideraríamos seu ornamento em oposição à sua estrutura: os visitantes da exposição clamavam por aquilo que consideravam a peça-chave, estrutural, a seu ver faltante... Mas parece que Freud não pensava assim. Pois o que privilegiou ao partir para o exílio inglês – uma questão de sobrevivência diante do furor nazista – foi justamente aquilo que, para os visitantes, era o ornamento: a tapeçaria e as estatuetas.

4. Nos meados do século XIX, começaram a aparecer evidências, confirmadas posteriormente com o desenvolvimento tecnológico do século XX, de que os templos gregos eram originalmente coloridos, e não brancos como são vistos há muitos séculos. Levando em consideração que sua brancura marmórea havia fundado um importante paradigma estético e político para nossa civilização ocidental, essa descoberta gerou um forte mal-estar e deu início a um grande debate. Gottfried Semper (citado por Wigley, 1994/1996, p. 163), arquiteto alemão do século XIX, responsável por importantes edificações na Alemanha, na Áustria, na Suíça e na Inglaterra, dentre elas o teatro wagneriano de Bayreuth, construído sob o reinado de Ludovico II, foi o grande detrator da idéia tradicional, reafirmando que não havia dúvidas de que os templos eram pintados e que o mármore de sua estrutura só havia sido usado por permitir com muita facilidade que uma camada de pintura lhe fosse aplicada, funcionando como um estuque natural. A partir daí, Semper desenvolveu uma nova teoria da arquitetura. Revertendo por completo a idéia de que as pessoas constroem primeiro um abrigo que as protege para sobreviver, e só depois, quando foram deixados para trás todos os problemas de sobrevivência, vão se ocupar dos ornamentos, da decoração dessa estrutura básica, ele afirmou que as edificações têm sua origem no uso das telas tecidas destinadas a definir o espaço social, especificamente o espaço da domesticidade, e que, portanto, a arquitetura teria começado com os ornamentos, uma vez que os tecidos constituíam desde o início a produção do próprio espaço. “O tecido é utilizado como um meio para fazer a casa, a vida interior separada da exterior, e esta é a criação formal da idéia de espaço” (Wigley, 1994/1996, p. 164), disse ele. Assim, o espaço só emergiria com a idéia de vida interior, de lar. Parece que Freud intuía isso quando deu primazia a sua estatuária, aos seus livros, à tapeçaria oriental... Eram eles que carregavam em si todo o sistema lingüístico e de significados da psicanálise. Toda a trama cultural que ancora a subjetividade humana estava neles representada. É justamente esse acervo cultural humanístico que é imprescindível para que haja psicanálise: os objetos de Freud são mais do que simples ornamentos, no sentido restrito do termo; eles são o tecido, a trama que possibilita a existên-

cia mesma da psicanálise – a história, a arqueologia, a antropologia, a literatura, a biologia –, já que é na interseção dessas áreas que emerge a subjetividade humana. Subjetividade, humanidade alguma emerge independentemente do grupo humano e cultural que a configura. Não há homem sem cidade. Infelizmente muitos de nós psicanalistas evitamos, recusamos esse fato, no sentido que Freud deu a *Verleugnung*, e nos refugiamos em uma assim dita especificidade de nosso campo que perverte a natureza de nosso conhecimento. O fechamento do analista nos textos e nos espaços “especificamente psicanalíticos” acaba por banalizar e apequenar a nossa práxis, a nossa cidadela.

5. “Uma cidade qualquer se mantém não porque permaneça isolada, mas porque continuamente troca bens com o espaço que a cerca”, escreveu Ilya Prigogine (1996, p. 31), em um artigo intitulado “O fim da ciência?”, apresentado no simpósio citado anteriormente, idéia enfatizada por Guattari (1996), ao dizer que “nossas teorias muitas vezes são mecanismos mais eficientes de reclusão, ordem e controle social que os regimes sociais, políticos e estéticos que elas investigam” (p. 166). Já no século IV antes de Cristo, Sófocles chamou nossa atenção para o fato de que humanidade e cidade são uma conjunção constante. A Esfinge, às portas de Tebas, devorava todo aquele que dela se aproximasse. A peste ameaçava a cidade inteira, não um sujeito específico. Ao decifrar o enigma, Édipo se identifica em uma história própria ao mesmo tempo que a cidade se reconstrói. Todos nós sabemos da centralidade de Édipo na obra de Freud. Infelizmente, a ênfase se manteve no indivíduo e na trama familiar, e a cidade ficou quase esquecida em nossa teoria. E é ela que se faz escutar de modo inequívoco em nossos consultórios neste início de século através da fala de nossos pacientes. Com a diferença de que a cidade de hoje não segue mais o paradigma familiar, ela é *Unheimlich*, sinistra. Mas, em essência, não muito diferente de Tebas com a peste, poderíamos dizer. Ela já não se chama mais cidade, e sim “espaço territorial urbano”, ou “manchas urbanas”. De acordo com Castells, em *A sociedade em rede* (citado por Regina Meyer), “lembramos que o avanço da abordagem das cidades pelo urbanismo passará também pelo reconhecimento, ou até mesmo a aceitação, de que a relação entre as duas categorias centrais do mundo contemporâneo – tempo e espaço – é hoje regida por novos parâmetros” (Meyer, 2006, p. 41).

Mas elas ainda são o suporte e o reflexo de nossas subjetividades, a nossa trama cultural. Assim, nossas cidades, frutos de nossos desenvolvimentos tecnológicos e de nossos desmandos sociopolíticos, precisam ser entendidas como as herdeiras da tapeçaria original; e os novos meios de comunicação, da mesma forma que os tecidos com os quais as pessoas originalmente se vestiam, são o que definem hoje o espaço no qual vivemos. Foi necessário que o magnífico tapete oriental sobre o qual inúmeras gerações de seres

humanos ocidentais e orientais voaram em suas fantasias, fora e dentro do consultório de Freud, se transformasse repentinamente numa máquina assassina, no 11 de setembro de 2001, para que o mundo todo acordasse de seu sonho de mil e uma noites e começasse a considerar a alteridade negada pela “mundialatinização” como escreveu Derrida. E as conseqüências são inegáveis para a estruturação da subjetividade e da clínica psicanalítica contemporâneas, pois o que o 11 de setembro inaugurou foi a cidade do século XXI, como vem ficando cada vez mais claro ao longo dos últimos cinco anos. Seja por questões político-religiosas, seja por questões socioeconômicas, a nova urbe se mostra inapelavelmente infectada pela peste. E, à diferença de Tebas, sem muros demarcatórios: a Esfinge, o monstro devorador, apresenta-se agora mais enigmático do que nunca, porque, desmembrado, reaparece fragmentado em múltiplos lugares, mas com a mesma sanha assassina. Qual é o ser que caminha ao mesmo tempo – já que não há mais amanheceres nem anoiteceres – sobre quatro, duas e três patas? E que fala com uma enormidade de vozes? A resposta ainda é a mesma – o homem, é claro. Mas, o que é o homem?

6. O psicanalista contemporâneo só sobrevive se está em sintonia com a perplexidade e com a inquietação estruturantes de nosso tempo. O que nos remete à natureza de nossa clínica, isso é importante frisar. Em outras palavras, não há clínica psicanalítica sem inquietações. Sejam elas do analisando, sejam elas do analista, desde os tempos originários nossa práxis se caracteriza pelo movimento e pela flutuação. Co-terapia, nos inícios da associação de Freud e Breuer, hipnose num segundo momento, leve pressão na testa do paciente, as modificações técnicas estiveram presentes e foram essenciais para a estruturação mais estável do encontro entre as associações livres de um com a atenção flutuante do outro. Mas essa estabilização nunca significou, de modo algum, o aquietamento nem tampouco a quietude. Não foi coincidência o fato de o primeiro caso clínico publicado por Freud como paradigma da nova práxis – o caso Dora – ter como eixos estruturais os dois sonhos relatados pela paciente. No primeiro deles, a imagem central é a de uma casa em chamas, no segundo, a repetição da pergunta “Onde fica a estação?”, seguida sempre da mesma resposta: “A cinco minutos daqui”. Nos dois, o caminhar – quer como fuga, quer como busca – é elemento essencial. Não foi a paralisia motora, a conversão histérica, justamente o sintoma a que primeiro Freud dedicou sua atenção?

7. O ser humano tende a se paralisar ante a experiência fundamental de ter sido jogado no mundo. Essa parece ser a primeira das mensagens freudianas, reafirmada a partir de 1900 com a criação do conceito de transferência e de fixação da libido. Trata-se da mais essencial denúncia presente em toda sua obra, que é também, e antes de tudo, o melhor agente interpretante da paralisia de todos nós: não

foi ela constantemente se refazendo, se recriando, se desdizendo, se reposicionando, até o seu final? Quando o grupo psicanalítico tendia a se estabilizar dentro de uma determinada *Weltanschauung*, lá vinha ele com um novo texto que desestabilizava a doxa grupal. Ao reafirmar que a psicanálise jamais poderia se transformar numa “visão de mundo”, sob pena de trair sua própria natureza, aquela que pressupõe não um determinado olhar, mas sim uma alternância de olhares e de cegueiras ativas – de fechamento dos olhos, como determinava um de seus sonhos fundantes, o “Pede-se fechar um olho OU Pede-se fechar os olhos” –, Freud enfatizou que a apreensão do objeto psicanalítico só é possível a partir do exercício ativo da alternativa, da alternância e da alteridade: eis o significado radical da conjunção OU. Um olho OU os olhos. Nenhuma assertiva, nenhum dogma, apenas um pedido que pode ser ouvido e escrito de pelo menos dois modos. Infelizmente, privilegiamos quase sempre o modo “ocidental”, reprimindo, recusando ou forcluindo o modo “oriental”. E o tapete sempre esteve lá, sob nossos pés ou sob nosso corpo. Mas sempre, sempre, sobre o divã e como pano de fundo de nossas paredes...

8. Tornar consciente o inconsciente OU onde era id advenha o ego são os dois aforismas que caracterizam o objetivo de nossa práxis, nas palavras de Freud. Interpretação OU construção são as ferramentas clássicas por nós utilizadas para atingir esse objetivo. Ouro puro ou amalgamado, ontogênese ou filogênese, narcisismo ou “socialismo” são apenas algumas das outras alternâncias sobre as quais seu pensamento se estruturou. Sem falar na célebre oposição pulsão de vida e pulsão de morte, dualidade trágica da humanidade, que desde sua conceituação vem provocando confrontações, polêmicas e cismas dentro e fora do movimento psicanalítico, este sim altamente representativo da característica básica de nossa (in)disciplina. Desde seu início, o movimento psicanalítico aponta para as dissidências, para as rupturas, para os contramovimentos, para a formação de novos grupos, demonstrando que estabilidade e estação não passam de ilusões cristalizadas em determinado tempo e em determinado lugar – estão sempre a “cinco minutos daqui”, se retomarmos as palavras de Dora –, ou, já no final de sua obra, a denúncia a respeito da figura de Moisés e da Terra Prometida...

9. Qual a terra prometida pela psicanálise? Um mundo redondo e feliz? Um mundo de realizações amorosas em que todos se dêem as mãos? Nessa falácia caíram alguns analistas, em dissonância explícita com o pensamento de Freud, cujo texto de 1929, “O mal-estar na cultura” foi aquele que mais socorreu a *intelligentsia* contemporânea diante da perplexidade generalizada a que o mundo foi lançado após 11 de setembro de 2001... Cabe a nós, psicanalistas de hoje, lançar mão de seu legado e de seu aler-

ta, a fim de continuarmos mantendo a necessária flutuação de nossa escuta para não perdermos a possibilidade de dialogar com algo dessa nova subjetividade emergente. A relação entre Terra, terra, território e terror se modificou de maneira radical, escreveu Derrida, pensador francês recentemente falecido. Se a Terra, o mundo se tornou redondo graças a Colombo, ele hoje é plano, no dizer de Thomas Friedmann, graças a Bill Gates e sociedade anônima e ilimitada. Se a oposição entre cidade e campo iniciada no século XII já não faz mais sentido num mundo em que as categorias centrais de tempo e espaço se relacionam por novos parâmetros – “espaço como extensão parece perder importância em favor do tempo como distância” (Meyer, 2006, p. 41) –, e a noção de território comandado por uma rede de fluxos, tal como M. Castells descreve, caracteriza que a contigüidade espacial é obrigatoriamente minimizada em favor de novas variáveis, torna-se necessário repensarmos os conceitos de subjetividade, no sentido de territorialidades de subjetividade.

10. Não faz seis meses, todo habitante da Terra que estivesse com seu televisor ligado foi transformado em espectador de um eventual acidente: um avião estava com o trem de pouso avariado e, ao avisar a torre de comando da necessidade de um pouso de risco, o piloto acionara inadvertidamente toda a mídia mundial, que logo transformou o episódio em mais um espetáculo eletrizante. Num momento em que todos nós já quase nos acostumamos às imagens em tempo real de bombardeios sobre determinados territórios, nada melhor para acordar o telespectador de sua hipnose induzida pela *spamização* imagética do que chamá-lo para acompanhar a morte das mais de trezentas pessoas – trabalhadores e turistas – que estavam naquele avião. Até aí, nenhuma novidade em nossa programação diária. Chega-nos então a surpreendente notícia de que os passageiros também estavam recebendo as mesmas imagens que nós, o que os transformava em telespectadores da própria tragédia. Duplo registro, dupla experiência existencial, em simultaneidade: observadores enquanto telespectadores das imagens da sua morte anunciada. Não vejo metáfora melhor para esse momento por que passa nosso mundo do que esta: a Terra transformada num avião com o trem de pouso avariado. Pois como poderia a Terra pousar sobre si mesma? Analogamente, como poderemos nós, terráqueos, pousar sobre nós mesmos se já não se trata mais de um descentramento do sujeito, e sim de um paradoxal desdobramento virtualizado da mais radical das experiências humanas, a da própria morte? Daí, a lenta agonia do papa, por nós todos acompanhada, a discussão mundial a respeito de considerar a norte-americana Terri Schiavo como morta, depois de mais de uma década de coma irreversível. O que é a vida afinal, nestes tempos de alta tecnologia, de aceleração do tempo e de virtualização do espaço?

11. Ora, à medida que a cidade, a cultura, vai se tornando mais complexa, necessariamente a subjetividade é alterada. Não se trata de novas patologias, como querem muitos de nós e todos os laboratórios do planeta, mas sim de um debilitamento do ego diante do aumento da complexidade do mundo, da cidade. Por certo, as questões básicas, vida e morte, sempre vão estar presentes, urge, contudo, que levemos em conta as profundas implicações criadas pela aceleração do tempo, com as conseqüentes alterações no espaço da cidade, para toda subjetividade. O que significa que o psicanalista hoje deve afiar sua escuta para apreender a fala nova, o novo avatar do enigma humano. Se nos colocarmos dentro da perspectiva da psicopatologia, estaremos desconsiderando a constante transformação da subjetividade ao longo de toda a história humana. Foi para isso que Freud (1901/1976) chamou nossa atenção ao escrever “A psicopatologia da vida cotidiana”, retirando o acento da patologia e colocando-o no cotidiano, quebrando com isso o conceito de normalidade psíquica. O que acontece quando o cotidiano se acelera, quando a sucessão dos dias já não segue mais a fronteira natural noite-dia, quando a hora de todos nós não se baseia mais em Greenwich, mas na Internet? Quando o próprio *setting* humano já não é mais o mesmo? Quando os órgãos de um corpo humano são originários de outro, ou de uma célula-tronco trabalhada em um laboratório? Quando a sexualidade, pedra angular de nossa teoria, já não é mais necessária para a perpetuação da espécie, pois as reproduções assistidas tendem a se tornar mais e mais freqüentes? Quando a clonagem pode prolongar indefinidamente a vida humana, já que até agora todo o desenvolvimento tecnológico não foi além de prolongar a agonia, como atestam as ultramodernas UTIs em todo o mundo, releituras concretas que são da *Divina comédia*, de Dante? Quando o fundamentalismo religioso parece ser a única matriz do sonho de grande parte da humanidade? Nunca foi tão necessário quanto agora repensarmos a questão das ilusões, já que o futuro mencionado por Freud se tornou presente com muito maior complexidade que seu texto de 1927 pode alcançar: a tapeçaria oriental, ninguém mais pode negar, deixou de ser vista apenas como ornamento para tomar seu lugar essencial no mundo...

12. No final do ano passado, realizou-se em Nova York um *bar mitzvah*, uma das mais tradicionais cerimônias judaicas, aquela em que o filho homem, ao completar treze anos, é levado ao espaço social, assumindo seu novo lugar no mundo. O que aí se celebra é a transição das gerações. Tradicionalmente, são os homens que comandam a cerimônia; as mulheres ficam fora da Torá. Nesse *bar mitzvah*, porém, as coisas se passaram de modo diferente: o líder religioso era uma mulher, uma rabina. Assim, ela chamou à Torá todos os membros da família do rapaz com os respectivos cônjuges, as mulheres inclusive. Até aí, tudo razoavelmente aceitável para a maior parte dos convidados, exceto

para os mais ortodoxos, que talvez nem tivessem comparecido a uma sinagoga em que o rabino era uma mulher. Mas, de repente, um frisson toma conta de todos. Uma das tias do rapaz, solteira, chama para a Torá outra mulher, alegando ser sua *partner*. Aos olhos de todos, o *bar mitzvah* se transformava em uma cerimônia de casamento gay, sacramentada na Torá. Na festa que se seguiu, a atenção estava toda voltada para o novo casal, é claro. Elas então anunciaram que uma delas estava no quarto mês de gestação. O óvulo fora fecundado pelo espermatozóide de um amigo comum, gay naturalmente, e implantado no útero de uma delas. “Mas sem problemas”, elas esclareceram, “nosso amigo também é judeu!”

Estamos nós, psicanalistas de hoje, capacitados para escutar todas as ressonâncias dessa fala? E da fala futura do novo bebê, que seguramente será amamentado por uma mãe bombardeada pela *spamização* imagética dos novos tempos e que, na descrença de um futuro, se fundamenta num passado não vivido? Qual o *setting* necessário para acolhê-lo?

13. Nos meados da segunda metade do século XIX, Ludovico II assumiu o trono da Baviera. Graças a ele, a música de Wagner ainda é escutada. Mas, considerando-se reencarnação de Luís XIV, por sua vez uma reencarnação do mitológico Lohengrin, ele gastou todo o erário público construindo castelos que se pretendiam cópias exatas de Versalhes e dos mitológicos castelos que teriam abrigado o Santo Graal. O problema foi que Ludovico II desconsiderou a passagem do tempo: nenhum desses castelos foi jamais habitado; eles permanecem abertos hoje para visitaçãoturística, símbolos que são da insensatez humana. O soberano foi deposto com o diagnóstico de paranóia.

Construir nosso *setting* para que ele seja habitável por nossos pacientes e por nós deve ser em tudo diferente daquilo que o rei, paranóico e religioso, que se julgava imortal, fez: ele desconsiderou a organicidade e a vida da trama cultural, congelando a imagem e tentando paralisar a vida. Solução paranóica por excelência que evoluiu, em termos políticos, para o surgimento do fundamentalismo nazista.

14. A resistência à aceleração do tempo e aos fundamentalismos implica colocar em prática aquilo que Edgar Morin sintetizou magistralmente nas seguintes palavras:

É preciso estabelecer a diferença entre programa e estratégia: um programa é uma seqüência de atos decididos a priori que devem começar a funcionar um após o outro, sem variar. Funciona bem quando as condições não variam. A estratégia é um cenário de ação que se pode modificar em função das informações, dos acontecimentos, dos imprevistos que sobrevenham no curso da ação. Estratégia é a arte de trabalhar com a incerteza (Morin, 1996, p. 284).

E “o pensamento complexo é o pensamento que se sabe sempre local, situado em um tempo e em um momento” (p. 285).

Não é justamente disso que deve tratar a inquietante clínica psicanalítica quando ela não se enrijece em perigosos fundamentalismos?

## Referências

- Castells, M. (1999). *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra.
- Derrida, J. (2000). Fé e saber. In J. Derrida & G. Vatimo (Orgs.), *A religião* (pp. 11-91). São Paulo: Estação Liberdade.
- Freud, S. (1972). Fragmento da análise de um caso de histeria. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 7, pp. 1-119). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (1974a). O futuro de uma ilusão. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 21, pp. 13-71). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927).
- Freud, S. (1974b). O mal-estar na civilização. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 21, pp. 75-284). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930).
- Freud, S. (1976). A psicopatologia da vida cotidiana. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 6). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1901).
- Friedmann, T. (2005). *O mundo é plano*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Guattari, F. (1996). Diálogo com M. Wigley. In D. F. Schnitman (Org.), *Novos paradigmas, cultura e subjetividade* (pp. 152-171). Porto Alegre: ArtMéd.
- McIntosh, C. (2003). *The swan king*. London: Tauris Parke.
- Meyer, R. (2006). O urbanismo: entre a cidade e o território. *Ciência e Cultura*, 58(1), 39-41.
- Morin, E. (1996). Epistemologia da complexidade. In D. F. Schnitman (Org.), *Novos paradigmas, cultura e subjetividade* (pp. 274-286). Porto Alegre: ArtMéd.
- Prigogine, I. (1996). O fim da ciência? In D. F. Schnitman (Org.), *Novos paradigmas, cultura e subjetividade* (pp. 25-44). Porto Alegre: ArtMéd.
- Wigley, M. (1996). A desconstrução do espaço. In D. F. Schnitman (Org.), *Novos paradigmas, cultura e subjetividade* (pp.152-166). Porto Alegre: ArtMéd. (Trabalho original publicado em 1994).

## Resumo

Partindo de alguns comentários a respeito da exposição *Freud*, do Masp, e das fotografias publicadas pelo *newsletter* da IPA dos consultórios de psicanalistas, bem como fazendo uma desconstrução do consultórios de Freud, o autor lança mão da clássica oposição existente em arquitetura entre estrutura e ornamento, para trabalhar o conceito de subjetividade na psicanálise, enfatizando que não existe subjetividade sem cidade.

## Palavras-chave

Cidade. Estrutura. Ornamento. Pensamento complexo. Subjetividade.

## Summary

Inquietude in psychoanalytic clinic: subjectivity, town and fundamentalism

There is no subjectivity without the town, says the author, to discuss this idea that a “derridian de-construction” of Freud’s consulting-room is made having in mind the classical opposition between structure and ornament in architecture.

## Key-words

Town. Structure. Ornament. Complex thought. Subjectivity.

# Quem é você?

Cintia Buschinelli\*

*Quando passamos a ver coisas, pessoas, impressões, eventos e situações que conseguem despertar em nós um sentimento de estranheza, de forma particularmente poderosa e definida, a primeira condição essencial é obviamente selecionar um exemplo adequado para começar*  
Freud, 1919/1976, p. 284.

Essa colocação de Freud, que se destaca em seu artigo “O estranho”, pode servir de guia para compreendermos a inquietação que tende a se fazer presente em nós psicanalistas quando nos defrontamos com o avanço das novas tecnologias na cultura contemporânea que se insinuou em nosso imaginário, em nosso cotidiano e, como não poderia deixar de ser, em nossa sala de análise.

Mergulhados no sentimento de estranheza que tem sido despertado em determinadas circunstâncias, vamos, como sugere Freud, selecionar alguns exemplos para então vislumbrar como é que esse “estranho” nos enviará para aquilo que nos é tão conhecido e familiar. “O estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho e há muito familiar” (Freud, 1919/1976, p. 277).

Podemos começar partindo de uma pergunta, das mais antigas, que atravessou o âmbito das religiões e foi parar nas camas dos hospitais: “Quando a vida termina?”.

Tentaremos sustentar a interrogação procurando não cair no terreno fácil da divagação, ou da conclusão peremptória de que perguntas como essa já nascem sem resposta.

A questão “Quando a vida termina?” se desdobrou em outra, que possivelmente surgiu porque uma nova realidade assim o desejou. Nos dias atuais, passamos a perguntar: “Quando a vida deve terminar?”.

Podemos perceber que a introdução da palavra “deve”, na primeira interrogação, nos arranca do campo da natureza, da trajetória inexorável da vida que transcorre sem intervenções, para entrar no o campo da cultura. A presença do homem que transforma a natureza, neste caso particular, se destaca quando ele procura alterar os ponteiros do tempo de duração da vida, por ora considerada efêmera.

Nos dias de hoje, quando natureza e cultura amalga-

mas deixaram de disputar um mesmo lugar para conviver em unidade,<sup>1</sup> há um empenho humano quer em adiar a morte ou preservar a vida, embora esta ainda teime em se deixar modificar pela passagem do tempo.

Procura-se alcançar tal objetivo através tanto de intervenções que vão desde a bem-vinda eliminação, ou atenuação, de doenças, antes mortais, como de um adiar o envelhecimento por meio de técnicas de rejuvenescimento. Não é possível, no entanto, deixar de perceber que, se por um lado se pretende adiar a morte, por outro mais se evidenciam práticas de eutanásia e de suicídio programado.

Sobre os novos tratamentos, não há o que se questionar, mas observando o outro lado da mesma moeda, chama nossa atenção, por exemplo, uma notícia de jornal<sup>2</sup> que relata que em uma ala de um hospital britânico foram penduradas placas sobre os leitos com a seguinte palavra: “NTBR” (dez. 1970).

Estaria essa palavra prescrevendo alguma medicação destinada aos pacientes em situações de urgência? Parece que não. As letras que a formam abreviam o seguinte conteúdo: *Not be resuscitated*, ou seja, “para não ser ressuscitado”.

Podemos supor, pela negativa presente nessa frase, que alguns pacientes deveriam, então, ser ressuscitados. Alguns sim, mas não todos. O que nos chama a atenção no aviso é o fato de que a ação proposta é de evitar a manutenção de uma vida. Além disso, há que se pensar que, se o aviso é necessário, é porque alguém faria a ação oposta àquela ali prescrita.

Claramente, entramos no âmbito da ética, lugar do qual jamais devemos nos afastar. A pergunta: “Quando a vida deve terminar?” quicá, retórica para nós, é decisiva para aqueles que a enfrentam concretamente em seu cotidiano.

Podemos fazer um contraponto a essa pergunta voltando para o tempo de início: “Quando a vida começa?”.<sup>3</sup> Uma vez possível intervir em uma vida ao seu final, o que dizer de seu início!

As práticas de fertilização *in vitro*,<sup>4</sup> tão difundidas e utilizadas nos dias de hoje, oferecem mudanças no imaginário que permeia a construção de um novo ser humano. Não custa lembrar que é neste terreno, o da construção do imaginário, que nós psicanalistas obtemos nosso material de tra-

\* Psicanalista pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

1 Recomendo ao leitor o artigo de Renato Janine Ribeiro: “Novas fronteiras entre natureza e cultura”. In *O homem máquina – A ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 15-36.

2 *Folha de S.Paulo*, 2006, Caderno Cotidiano.

3 Nosso questionamento não pretende buscar respostas no campo das religiões, em que esta interrogação dispõe de resposta precisa para cada um de seus adeptos.

4 A fertilização *in vitro* já atingiu a vida adulta, proximamente completará 21 anos de prática.